DISCURSO DE POSSE NO INSTITUTO DO CEARÁ

JOSÉ PARSIFAL BARROSO

Desejaria ardentemente, caros consócios, que antes de expressar-vos meu comovido agradecimento pela generosa acolhida que me dispensastes, compreendêsseis comigo, e em benefício vosso, por que demorei em ter assento entre vós, sòmente aqui chegando no outono da vida.

Começarei por dizer-vos que, embora sempre vos tivesse em subida conta, distanciei-me de vós tolhido por uma espécie de respeito egípcio, cuja nascente se esconde no claro-escuro de minha tumultuária infância.

Poderia simplificar essa imprescindível explicação, justificando tamanha demora pelas absorventes e amargas tarefas de minha vida pública, agora interrompidas malgrado meu e pena de muitos.

Prefiro, entretanto, contar-vos por inteiro a verdade acêrca dessa absurda e falsa incompreensão, que me alongou do vosso caminho por tanto e tão desperdiçado tempo de minha atribulada existência.

Embora vos admirasse à distância e entranhadamente, por serdes a mais veneranda manifestação da cultura cearense, divisava no Instituto do Ceará algo de inteiramente contrário ou diverso de mim e do povo da Terra do Sol, porque me acostumei a identificar-vos com a figura mansa, austera e grave do Barão de Studart, cuja presença sempre me infundia um constrangedor espanto, deixando-me entre confuso e aterrado.

Por mais que tentasse provar-me a falsidade dessa impressão juvenil, continuei a confundir-vos com nosso preclaro patrono e, por essa forma, considerar-vos uma exceção contraditória ao modo comum de ser e viver da terra e do povo de que todos procedemos.

Enquanto aprofundais vossos alicerces no mesmo solo de origem, amando a fixidez das raízes e a estabilidade da tradição, o espírito cearense desenvolve sua potencialidade dinâmica através de um vir-a-ser audacioso e libertário, constantemente em busca de novas formas de afirmação, avêsso ao passado.

Em meio a essas infundadas incompreensões, todavia, momento houve em que passei a freqüentar vossa sede, quando habitáveis o andar térreo do edifício da Assembléia Legislativa do Estado e o destino político me levava a exercer, nos altos do mesmo prédio, meu segundo mandato de deputado estadual.

Confesso-vos que, embora me sentisse atraído a ser um dos vossos, não logrei afastar de mim os antigos espantos, preferindo então integrar-me no Instituto do Nordeste, cujas primeiras pedras ajudei a arrumar.

Quando atingi a culminância de minha vida pública, como Senador da República e Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, viestes ao meu encontro, elegendo-me vosso sócio correspondente, sem que todavia me aproximasse de vós, entretendo-me convosco, como tanto desejara, em réplica à vossa gentileza.

Ainda assim, requintastes em vossa perdulária generosidade, fazendo nascer minha candidatura à minha revelia, no momento em que voltei a integrar-me na vida universitária, sem me ter ainda libertado das dúvidas e dos temores que me afastavam de vós, com tantos e irrecuperáveis prejuízos para mim.

Relevai-me, portanto, se insisto em ressaltar-vos a realidade dêsses fatos, pois cuido que sòmente através dessa evocação podereis bem avaliar meu contentamento em aqui chegar, por proposta de Carlos Studart Filho, Martinz de Aguiar e Boanerges Facó, com o parecer favorável dos consócios Luís Teixeira Barros, Francisco Alves de Andrade e Castro e, mui especialmente, do meu dileto amigo e recipiendário — Mozart Soriano Aderaldo, com a aquiescência de tôda a Diretoria e, posteriormente, com a aprovação unânime do Plenário da Casa.

Se os menciono de modo especial, caros consócios a quem devo a consagração de minha candidatura, é porque ainda não acabei comigo de alegre e grato, ante a confortadora evidência de que meus abençoados padrinhos apagaram em mim o estranho e descabido temor.

Mentiria a mim mesmo, aliás, se não vos confidenciasse que prontamente aquiesci em ser um dos vossos quando o imortal presidente Pompeu Sobrinho — doutor máximo do Ceará e mestre de todos nós — dissipou as dúvidas que ainda me assaltavam o espírito, por me considerar diferente de vós, a muitos respeitos, e assim temer o desajuste do meu ideal de cultura com vossa diretriz cultural.

Ao mergulhar na atmosfera reconfortante do vosso convívio, no instante pleno e inefável de minha posse, sinto-me órfão do mestre e guia que se foi de mansinho ao encontro de Deus, deixando-nos privados do seu comando sábio, elevado e amigo.

Aqui me tendes, portanto, com a alma em sombra, sentindo que em meio a tanta saudade paira sôbre nós a presença encantadora de sua grandeza humana e imortal, a acenar-nos com o exemplo ascé-

tico e luminoso de sua vida benemérita, totalmente absorvida nas mais graves e silenciosas tarefas de amor ao Ceará e a seu povo.

Ainda siderados pela perda irreparável do presidente Pompeu Sobrinho, desde aquela triste e cinérea manhã de 9 de novembro, guardemos conosco o precioso legado de sua vida e de sua obra, opulentando-o em honra de sua memória sempre viva e veneranda.

Pompeu autêntico, porque marcado pelo ceticismo indulgente dessa grande família do Ceará, jamais nos pareceu velho e indiferente, embora entrado em muitos e laboriosos tempos de estudo e de pesquisas incessantes, assistindo-nos com um dinamimo sempre a renovar-se, como a águia bíblica, nôvo como um antigo. Sob essa inspiração, e porque me honre em ser fiel a êsse legado, poderei trabalhar convosco na identidade do mesmo sentimento que sempre irmanou os companheiros de Paulino Nogueira, Thomaz Pompeu, Guilherme Studart e Pompeu Sobrinho, acima de quaisquer contingências, a fim de que esta Casa do Ceará possa trabalhar, sempre, a seu serviço e para sua grandeza.

Os condicionamentos e as contingências do século XX integraram-me no personalismo filosófico de Emanuel Mounier, cuja perspectiva de renovação contínua eliminou da História seu caráter historizante, dinamizando-a com o imperativo da reinterpretação que assegura ao Homem uma capacidade de atuação sôbre as estruturas em que vive, de forma a se conquistar, progressivamente, o Universo Pessoal.

Por fôrça dessa diretriz filosófica, venho restringindo minhas andanças no plano da História, para comunicar-me com o passado em estrita função dos imperativos impostos pelo presente.

Ouso afirmar-vos que a redução progressiva das injustas contingências que inferiorizam e degradam o Homem, no Ceará, sempre estêve e estará em função da contínua observância do roteiro justificado por Pompeu Sobrinho, ao sintetizar a meta de suas investigações, o que me leva a adotá-lo como regra de estudo e método de trabalho, aqui e alhures.

"Aspira-se a um conhecimento amplo, positivo e claro do meio sociocultural e físico do Ceará, tal que permita compreender, sob base científica, o que é hoje e o que possa ser amanhã, mediante ajustamento harmônico e mútuo: da terra ao homem, pela melhoria das suas condições de explorabilidade, e do homem à terra, mercê de uma mudança social convenientemente orientada." (Thomaz Pompeu Sobrinho, *in* "Valorização do Nordeste" — *Revista do Instituto do Ceará,* Tomo LXXV, Ano LXXV, pág. 162). Se quiserdes avaliar o nível de enraizamento dessa convicção básica e repousada do criador da Antropologia cearense, bastar-me-ia transcrever um trecho do seu depoimento histórico sôbre a inobservância do seu parecer pela antiga Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas, ao promover o aproveitamento econômico dos vales, sem levar em conta essa diretriz antropológica.

Pela última vez e sem transparecer qualquer ressentimento, nosso inesquecível Mestre e último Presidente retoma e enfatiza o tema predileto de suas silenciosas pesquisas, assim testemunhando: "Desejávamos que, mesmo dentro de uma área restrita, só se projetassem obras e serviços, e se adotassem processos criadores de riqueza e de bem-estar social, depois de um completo conhecimento de todos os elementos ou condições físicas, culturais e sociais, que pudessem intervir na orientação daqueles propósitos, ou melhor, no sistema esboçado de desenvolvimento. Queríamos: 1) um plano de ajustamento do meio geográfico às melhores condições de exploração sistemática; e 2) um plano de ajustamento do homem a êsse meio, devidamente aparelhado, de modo que se tornasse apto àquela exploração. O primeiro dêstes planos teria evidentemente suas incidências principais, dentro de vários subproblemas relacionados mais ou menos diretamente com as características do ciclo das águas no Ceará." (Thomaz Pompeu Sobrinho, *in* "Algumas Notas Sôbre a Hidrografia Cearense", revista *Aspectos,* Secretaria de Cultura do Ceará, 1967, Volume I, págs. 93 e 94).

Guardemos conosco, também, sua visão perfeita e exata da adequação do objeto da Antropologia à determinação das necessidades humanas e das possibilidades de satisfazê-las, fixada de modo incisivo: "Por fim, parece útil ainda aduzir algumas palavras a respeito da natureza íntima da pesquisa sociocultural, essencial a qualquer empreendimento de metas públicas visando o bem-estar coletivo. A verdadeira pesquisa antropológica no campo da socioculturologia é alguma coisa mais do que simples elaboração estatística: há de impregnar-se de um sentido científico, mais profundo e mais humano." (Thomaz Pompeu Sobrinho, *in* "Projeto de Pesquisa Sociocultural no Ceará", *Revista do Instituto do Ceará,* Tomo LXXVI, Ano LXXVI, págs. 75 e 76).

Agradar-me-ia por inteiro, caros consócios, desenvolver minhas atividades nesta área a que fui conduzido pela refinada sabedoria do doutor máximo de nossa terra e pelos desafios irrecusáveis do nosso presente, marcado pela necessidade de ser totalmente aproveitada a potencialidade do Ceará e do cearense, por entre as lutas ásperas e desiguais que somos obrigados a enfrentar para a afirmação crescente de nossa ponderabilidade socioeconômica no conjunto nordestino, até que termine o prélio de nossas vicissitudes.

Se tanto insisto na rememoração dessas lições entesouradas na obra imortal de Pompeu Sobrinho, considerando-as de valia inestimável para todos nós, é porque a Geografia, a História e a Antropologia jamais se deram as mãos nesta Casa do Ceará, para a investigação metódica e interdisciplinar da problemática cearense.

Se quisermos executar o testamento espiritual do nosso grande presidente, como guardiães de uma obra que se identifica com o

próprio destino de nosso Estado, sejamos sempre fiéis no devotado amor que sua vida e sua obra constantemente refletiram em favor da terra e do povo do Ceará.

Há pouco mais de dez anos, ao inaugurardes uma "esperançosa nova era", com a revitalização do vosso quadro social, desejastes abrir nova perspectiva para vossas atividades, sem que se positivassem os angúrios então auspiciados pelo nosso eminente e ilustre colega Raimundo Girão, ao saudar os dez sócios que deveriam propiciar essa desejada e necessária renovação.

Relevai-me se tanto insisto em evocar fatos e idéias que ainda não encontraram ressonância nesta Casa do Ceará, e cairam dentro do vácuo e da noite escura, porque falavam de perto com a vida de nossa brava gente e a garantia do nosso futuro.

Asseguro-vos que, através da amarga experiência sedimentada ao longo de minha vida pública, pude verificar quanto nos desconhecemos e quão pouco sabemos das cousas e das peculiaridades cearenses, prejudicando-nos gravemente com essa indiferença pela tradução científica de nossa realidade.

Aqui chego, portanto, na plena vivência de um ideário filosófico e possuído da paixão que animou a vida dos nossos maiores, de modo a poder falar-vos a linguagem sêca, fria e meditada do espírito, sempre em busca da verdade que nos valorize no constante serviço do amor ao Ceará.

Desejoso de dar boa conta às árduas tarefas que me aguardam no Instituto, tudo farei para possuir algo das excelsas e raras virtudes daquele obstinado e admirável devorador de arquivos, um daqueles a quem sucedo por determinação vossa, meu dileto e inesquecível amigo Ismael de Andrade Pordeus, modêlo exemplar de probidade científica.

Confesso-vos que minha cordial gratidão sobe de ponto ao considerar a excelente honraria que me conferistes de integrar a mais numerosa e respeitável bancada desta Casa do Ceará, através dessa abençoada substituição que me veio dadivosamente, embora muito a desejasse para ficar ao lado dos ilustres quixeramobinenses Andrade Furtado, José Aurélio Câmara e Saraiva Leão e daqueles outros que, ligados embora a municípios depois surgidos, se acham vinculados ao grande Quixeramobim de outrora, como Plácido Aderaldo Castelo e Francisco Alves de Andrade e Castro, filhos de Mombaça. E de Mozart Soriano Aderaldo que, embora não nascido em Mombaça, descende de família lá radicada. E de Clodoaldo Pinto, filho de Itatira.

Tranquilizo-os, de logo, dizendo-lhes que, a exemplo do sertanismo sobralense, para sempre infundido no meu próprio ser, através do casamento e da política, apraz-me também pertencer, culturalmente embora, ao verdadeiro cerne do sertão cearense, com meus pés fincados nessas duas grandes ilhas da Terra da Luz.

Os sertões pecuários de Sobral e de Quixeramobim fraternizam

e se intercomunicam na identidade de uma mesma e antiga predestinação geo-econômica, e por isso — não há negar — nosso grande Pompeu Sobrinho escolheu a ambos como base de operações de sua pesquisa sociocultural, considerando-os como as áreas mais caracteristicamente significativas do grande sertão cearense.

Ismael de Andrade Pordeus, a exemplo de cearenses outros nascidos na imensa área da primitiva Paróquia de Santo Antônio, "moradores das Ribeyras de Quixeramobim e Bonabuyu", muitas graças deverá ter elevado a Deus pelo glorioso privilégio de ser filho do mais forte e perfeito sertão, encravado no centro geométrico do Estado como a melhor matriz geradora da mais rigida e respeitada bravura cearense, embora ainda não exaltada em prosa e cantada em verso como a dos Inhamuns.

Razões sobradas assistem ao erudito e insigne consócio José Bonifácio de Sousa para sentenciar, apropriadamente, no *In Memoriam* publicado em honra à vida preclara do meu querido antecessor, que: "A velha metrópole que presidiu a integração social e administrativa do vasto sertão central do Ceará bem se pode orgulhar dêsse filho amantíssimo." (José Bonifácio de Sousa, *In Memoriam de Ismael Pordeus,* Departamento de Imprensa Oficial do Ceará, pág. 6).

Cuido que ali, naquelas franciscanas e fortes caatingas do Ceará pastoril, o meio ambiente marca de forma indelével a personalidade grave dos seus habitantes, moldando-lhes o cerne do temperamento para quaisquer pelejas, que tanto faz essa inquebrantável fortaleza de ânimo ser apreciada num Antônio Conselheiro, se preferimos a lição imortal dos que já dormem na Eternidade. Nosso sempre lembrado e querido Ismael de Andrade Pordeus se enfileira ao lado dos maiores valôres dessa terra generosa e forte, parecido com qualquer dêles a muitos títulos, sempre temido e respeitado pela sua "voz de fama", tal se fôra a encarnação leiga de um Dom Quintino, o primeiro grande Bispo do Crato.

Arrimado à diretriz ecológica de Pompeu Sobrinho e ao juízo crítico de Luís Teixeira Barros, procurarei seguir o traçado vário, inquieto e irregular da tormentosa vida do meu saudoso antecessor, ligando alguns pontos de contato por entre sua múltipla e dispersa atividade de pesquisador arguto que soube ser, apaixonadamente, um sedento da Verdade.

Certo é, todavia, que aos coevos e pósteros Ismael Pordeus valerá sempre como o mais perfeito símbolo do amargo e injusto fadário de quantos sòmente se afirmam, a duras penas, sempre incompreendidos e desajudados, vencendo a golpes de talento e através de prodigiosos e inimitáveis recursos de autodidatismo.

A Universidade do Ceará, cujo programa cultural vem reduzindo as proporções dêsses memoráveis e apagados entreveros de grandes cearenses que nem sequer se formaram, bem poderia doutourar — *honoris causa* — um grande e sábio mestre da estirpe de um Martinz de Aguiar, de modo a reparar tantas injustiças de que

foram vítimas grandes cearenses, a exemplo de Ismael Pordeus, portentosa vocação de vero e perfeito historiador, não obstante o desajuste contínuo de sua desassossegada existência.

Como nos parecemos — e quase todos podemos nos irmanar com meu eminente antecessor — se nos debruçarmos sôbre nossas vidas atribuladas e constatarmos que muito mais e melhor teríamos realizado, se entendidos e ajudados ao nível de nossa vocação!

Desde sua inclinação frustrada para o Sacerdócio até o momento em que, nas funções de Governador, o ajustei como Técnico de Pesquisas Históricas, no Arquivo Público do Estado, a vida de Ismael Pordeus bem se assemelha a um caudaloso rio, de curso irregular e vário correndo quase sempre fora do seu leito, em múltiplas direções, de modo a deixar seu biógrafo estonteado e confuso ante os pontos inúmeros, fugazes e luminosos que rastreiam sua incessante mobilidade no campo da pesquisa histórica.

Não sei como ainda lhe sobraram vagares para joeirar tanta documentação, dentro do Ceará e Brasil afora, gastando-se perdulàriamente, em combustão permanente, a serviço dos outros, sem jamais ouvir o alarido consagrador da vitória.

Constrange-me acentuar — e o faço por exclusivo amor à verdade — o contraste forte, amargo e crescente da reta perfeita e intangível de sua personalidade, rica de caráter e de ideal, sempre a ressoar com o timbre de uma encantadora autenticidade, com a variada e contingente mobilidade do rio que passou por quase tôdas as margens da pública administração, impregnando-se de suas paisagens para, invariàvelmente, refletir essas impressões e imagens em formas de ensinamento que lograram triunfar de sua vivência burocrática.

Situam-se nessa perspectiva de superação da apagada mediania da vivência burocrática os excelentes e eruditos ensaios que publicou sôbre o problema do menor abandonado, a primeira fase da História do Banco do Nordeste e, até mesmo, sua inconclusa obra *Raízes Históricas de Brasília,* escrita em função de uma época e a instâncias dos que necessitavam de fixar uma memória cearense do magno acontecimento, em honra do seu grande criador.

Onde quer que o levassem a plasticidade sinuosa das contingências funcionais e o interêsse dos amigos a que serviu, sempre se houve Ismael Pordeus com aquêle apurado sentido da perfeita exação e do cuidado extremo, próprios do burocrata eficiente e exemplar.

Se o destino o houvesse integrado, desde o início, nas funções que lhe outorguei em justa readaptação, já no fim de sua nobre e franciscana vida, bem outra teria sido a produção de sua obra nos domínios da História, mesmo assim de valia subida e inconteste, porque alicerçada naquele caos informe e rarefeito que ainda é o Arquivo Histórico do Ceará, onde sua competência erudita e operacional teria feito milagres.

Ainda que trilhando os ásperos caminhos de Job, sua imensu-

rável criatividade proporcionaria ao Govêrno do Estado e à História do Ceará uma visão do acervo de documentos ali guardados sem a amorosa preservação e o adequado aproveitamento, que sòmente homens como êle sabem realizar, em uma ação pioneira e renovadora.

Relevai-me se assim me situo, com a mais elevada emoção intelectual, diante da obra dêsse meu ilustre e eminente antecessor, pois, de outra forma, não poderia realçar-lhe sua incomparável grandeza.

Não vacilo em admitir que Ismael Pordeus deverá ser procurado e melhor conhecido nos trabalhos a que se prendeu, por fôrça de seu ideal de pesquisador e de sua sêde de verdade, embora poucos sejam êsses trabalhos porque muitas foram as suas produções de circunstância ou de obrigação.

Dentro dessa ordem de classificação, poderia apresentar-vos *Raízes Históricas de Brasília* como a menos autêntica e, portanto, a filha menos querida de Ismael Pordeus, ante a irrecusável evidência de que foi a única obra deixada inconclusa, sem jamais haver seu minudente autor demonstrado qualquer sinal de interêsse pelo seu acabamento.

Chego a pensar que nada deixou para a feitura do segundo volume, após se haver debruçado sôbre as fontes históricas da nova Capital, porque pesquisara e escrevera para atender a uma circunstância ou a um pedido que se circunscrevem ao momento histórico da inauguração de Brasília.

Longe de mim a idéia de subestimar a importância dessa obra, que levou nosso saudoso Ismael Pordeus e sair fora da área do seu sertão, obrigando-o a andanças apressadas pelos arquivos do sul, incapaz que era de produzir obra imperfeita, tamanha sempre foi a paixão que o devorava de descobrir a face oculta dos ângulos escondidos, onde quer que sua fina intuição o conduzisse.

Subscrevo, prazerosamente, pela justeza de que se reveste, o juízo crítico do sóbrio e ascético Luís Teixeira Barros, quando assim conclui: "O trabalho de Ismael Pordeus acompanha, minuciosamente, o projeto da interiorização, desde a Inconfidência Mineira de 1891, sendo um modêlo de paciente investigação histórica, que corrige inúmeros erros cometidos pelos que trataram do assunto." (Luís Teixeira Barros, *In Memoriam de Ismael Pordeus*, Departamento de Imprensa Oficial, pág. 35).

Certo que, se houvesse ultimado sua pesquisa, aquêle meu saudoso antecessor não mais apontaria falhas ou corrigiria enganos, mas preferiria responder a indagações, elucidando os fatôres e os responsáveis pela modificação da idéia inicial dos mineiros ou justificando a prevalência da decisão que localizou a Capital do Brasil numa área preferida por uma descabida e superada concepção geopolítica.

Não obstante a excelência das fontes em que se abeberou e seu indiscutível valor histórico, são trabalhos oriundos de circunstâncias de tempo e de lugar, o que publicou no jornal *O Nordeste*,

numa série de quarenta e nove artigos sôbre "O menor abandonado no tempo do Ceará Província", como fruto de sua primeira fase de atividade pública no Instituto Carneiro de Mendonça, em Santo Antônio do Pitaguari, e o que foi publicado na *Revista do Instituto do Ceará* sôbre o centenário da fundação da Paróquia de Santo Antônio, na amada terra de Quixeramobim, escrito a instâncias do Vigário, seu amigo.

Suas primeiras investigações já permitiam ao leitor esperar de Ismael Pordeus a busca de filões mais preciosos, porque mais escondidos, reveladores que foram de uma capacidade desmedida de pesquisar, de discutir, de argumentar, e de uma silenciosa coragem em defender a verdade, quaisquer que fôssem as incompreensões e as conseqüências, desde que a houvesse encontrado e dela se apossado.

Suas maiores paixões de estudioso constante e diligente e de pesquisador pertinaz e perfeito foram a velha e inconseqüente querela sôbre a fundação de Fortaleza e a descoberta da realidade do passado quixeramobinense, que subjazia no romance *D. Guidinha do Poço*, à sua espera, porque sòmente Ismael Pordeus poderia trazer a lume a verdade histórica, possibilitando assim uma melhor compreensão do tributo naturalista que Oliveira Paiva deveria pagar, na elaboração da tessitura de sua obra imortal.

Quaisquer assuntos ou questões ligados a Quixeramobim encontrariam sempre na sensibilidade refinada e na intuição admirável dêsse meu antecessor uma espécie de poder demiúrgico de captação, animando-os de nova vida e revelando-lhes detalhes insuspeitados. Se é verdade que não logrou contar com recursos, estímulos e favores para levar a bom têrmo suas investigações acêrca da fundação de nossa capital, certo é que em *À Margem de Dona Guidinha do Poço*, pela circunstância de tudo falar bem de perto à sua alma quixeramobinense, conseguiu projetar-se em todo Brasil, fazendo obra perfeita, completa e magistral, com o timbre certo de sua autenticidade.

Ao apreciar sua obra máxima, já consagrada nacionalmente pelos críticos mais exigentes, não escondo em mim o temor de aduzir a essa unanimidade de juízos definitivos algo que me veio através da teoria ecológica de Pompeu Sobrinho, pois em Oliveira Paiva e Ismael Pordeus o meio ambiente quixeramobinense determinou um tal gênero de impregnação, que os dois, ao retornarem ao Ceará, fracassados na aventura migracionista e repetindo gestos da simbologia mitológica, voltam-se logo para a restauração biotelúrica, adentrando-se em Quixeramobim, com a totalidade do ser a saturar-se de formas, de impressões, de imagens, de fragmentos e de histórias, insinuando-se tudo isso na mais profunda região da vida de cada um.

Na sociedade pastoril, patriarcal e fechada, as mulheres não se destacam e sòmente, de onde em onde, repontam e ressurgem a fito, triunfando das limitações que as inferiorizam. As prevalências femininas são raras nessa estrutura social que não enseja a valorização e o domínio da mulher cearense, sendo poucos os gloriosos

ou famigerados nomes femininos que podemos apreciar, através da investigação histórica, como Clara Camarão, Bárbara de Alencar ou Maria Francisca de Paula Lessa, a famigerada *Dona Guidinha do Poço*.

Assim, à distância, penso que Oliveira Paiva e Ismael Pordeus se impregnaram das paisagens e das histórias ligadas a essa tragédia passional, do mesmo modo e pelas mesmas fontes, e devem ter versado os mesmos documentos, cada qual a seu tempo, para depois se encontrarem nos nossos dias, completando-se, então, a história velha de Quixeramobim, quando foi chegado o tempo de se poder avaliar o verdadeiro e definitivo valor do romance, inclusive à luz do nosso querido Ismael Pordeus.

Sua minudente e exaustiva reconstituição histórica, levantada desde aquelas raízes fundas e fugidias, extrema-se em confrontações de detalhes, sem que o inesperado dessa revelação diminuisse a imensurável valia da criação estética de Oliveira Paiva, inusitada, revolucionária e pioneira, ao tempo em que *Dona Guidinha do Poço* teve sua elaboração conclusa, porque a magnífica análise de Ismael Pordeus apenas revela que a fôrça da criatividade e a beleza da linguagem e do estilo superam e transfiguram a urdidura naturalista do romance, nimbando-o de imarcescível glória.

A vivência ambiencial e histórica dos dois filhos das ribeiras de Quixeramobim e Banabuiú possibilitou a ocorrência de um fato cultural inédito no Brasil, porque insuscetível de repetição.

Quando o romance de Oliveira Paiva recebeu a consagração crítica literária do país e Ismael Pordeus teve seu nome definitivamente ligado à crítica historiográfica do Brasil, o passado e o presente se conjugaram para garantir a perenidade excelsa do futuro, tal se houvesse chegado à plenitude do tempo destinado a um triunfo completo, na hora exata, assim como se Quixeramobim, o Ceará e o Brasil sòmente pudessem conhecer e celebrar o apogeu dessa glória na comemoração centenária de 1961. O extraordinário valor da criação literária e da pesquisa histórica possui caráter transtemporal, e creio que ninguém mais poderá repetir essa extraordinária façanha.

Onde quer que se fale de Oliveira Paiva, no futuro, falar-se-á sempre e por igual em Ismael Pordeus. Nos fastos da História e da Literatura, corresponde isso à garantia daquela imortalidade que, na palavra de alguém, tem o poder de honrar, elevar e consolar para sempre.

Resta-me tão-sòmente, por amor à verdade, completar um testemunho de Luís Teixeira Barros, inserto na preciosa biografia que escreveu, com desvelado amor, sôbre o último trabalho de Ismael Pordeus. Assim se expressa o excelente biógrafo dêsse meu antecessor: "Poucos dias antes de sua morte, mostrou-me Ismael Pordeus apontamentos sôbre um trabalho que estava realizando sôbre a família de Antônio Conselheiro." (Luís Teixeira Barros, *In Memoriam de Ismael Pordeus*, Departamento de Imprensa Oficial, pág. 40.)

Não obstante o interêsse da família daquele meu querido e insigne antecessor em encontrar o que êle, porventura, houvesse deixado acêrca da família de Antônio Conselheiro, apenas recebi um excelente trabalho de Ismael Pordeus sôbre a verdadeira idade do grande mago de Canudos, outra expressão ou produto do medievo quixeramobinense, imortal como o Ceará.

Não se poderá assegurar, portanto, que o excelente pesquisador se aprestasse para mais umas andanças, dentro de Quixeramobim e do sertão baiano, embora Saraiva Leão haja sido convidado para, juntos, irem os dois à Bahia. A novidade da última pesquisa de Ismael Pordeus ainda se prende ao objeto de sua paixão, ante a prova inconteste que *Dona Guidinha do Poço* foi a madrinha de batismo do herói de Canudos. Ter-se-ia perdido, de fato, o melhor biógrafo de Antônio Conselheiro?

Creio que de fato o perdemos.

Requintastes, caros amigos e ilustres consócios, em vossa gentileza, quando escolhestes para meu introdutor e padrinho a Mozart Soriano Aderaldo. Auxiliado por Manoel Albano Amora, foi aquêle o principal responsável pela germinação florescente e pela vitória de minha candidatura, meu amigo de juventude, irmão na fé e nas antigas pelejas de Ação Católica, colaborador dedicado de minha atividade como Governador, a cujos olhos minha despretensiosa e apagada vida cultural avultou em tonalidades e proporções muito acima da realidade. O divino dom da amizade opera a graça confortadora de ser aqui recebido por uma voz antiga, familiar e fraterna, que sempre me alentou e ora me faz esquecer as injustiças, os agravos e os desenganos de minha vida pública, alçando-me acima de mim mesmo e me deixando assim enlevado, como em estado de sonho, a contemplar imagens múltiplas, não de mim, mas de sua prodigiosa capacidade de fazer-me acreditar que posso estar à vontade entre nós, ao nível de tão alta e ilustre companhia.

Pela sua mão, segura e amiga, estou certo de caminhar nos domínios desta Instituição, encontrando os roteiros que deverei percorrer, a fim de ser fiel a mim mesmo, a Pompeu Sobrinho e a Ismael Pordeus, que foram fervorosos, convictos e fecundos na realização de seus ideais.

Nosso atormentado século vive sob o signo da História, enquanto se cumpre a lei de sua expansão dinâmica, em todos os sentidos e em meio a contradições que se atropelam.

A valorização da História se reflete em todos os quadrantes e sob tôdas as formas, obrigando o homem a buscar sua inserção no plano em que o passado ajuda o presente a salvaguardar seu modo de ser e de agir, para a preservação do futuro.

Que Deus me ajude a ser digno da memória de nossos maiores, a ser fiel ao legado que me confiastes, e a poder servir, através de minhas atividades nesta Casa do Ceará, à terra e ao povo de que venho.